

ADOLFO CAMINHA E A CONSTRUÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA DO SÉCULO XIX¹

Antonio Silva Correia²

Janailson Macêdo Luiz³

Vanuza Souza Silva⁴ (orientadora)

O presente trabalho apresenta uma discussão sobre uma das formas como o negro foi visto na obra *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha, instituída na segunda metade do século XIX e busca inscrever e questionar algumas imagens do negro construídas e reforçadas por essa literatura. Baseados na análise de discurso de Michel Foucault procuramos observar os efeitos de verdades que Adolfo Caminha cria nesta obra. O interesse pela temática surgiu durante alguns debates ocorridos nas aulas da disciplina: História da África, nas quais se pensou como a imagem do negro foi historicamente construída e como surgiram (surgem) muitos discursos que procuravam (procuram) rotular de “inferior” o negro. Repensar os silêncios que envolvem o negro e rever as maneiras pelas quais o negro foi tratado no discurso do literato Adolfo Caminha, especificamente na obra *Bom-Crioulo*, ajuda a compreender, também, a atual situação dos negros no Brasil e a entender, sobretudo, a construção do pensamento sobre o negro em nosso país, fazendo perceber no mesmo sentido, os significados que criaram (criam) a literatura sobre o negro brasileiro.

O escritor cearense Adolfo Caminha (1867-1897) faz parte de um contexto onde se tem a criação de algumas correntes de pensamento, como exemplos: positivismo, evolucionismo e determinismo. Muitas das concepções dessas correntes são perceptíveis em suas obras, principalmente na obra *Bom-Crioulo* de 1895, a qual de acordo com a crítica literária e dita como sendo naturalista, dentre as explicações, pela análise das patologias sociais, pelo discurso que denuncia à degradação do homem, por um enfoque aos ambientes miseráveis que influenciam no comportamento dos personagens e por utilizar o conceito de raça para explicar o comportamento do negro, conceito que legitima a inferioridade dos negros.

Em o *Bom-Crioulo* o autor descreve entre outras coisas, duas temáticas que estão intrinsecamente relacionadas à sua trajetória de vida: a vida na Marinha, já que foi durante muito tempo oficial da Marinha Brasileira e a situação do negro, já que foi considerado abolicionista. Este último fato, porém, não o impediu de descrever em sua obra uma imagem estereotipada do negro a partir da qual este sujeito é marginalizado e/ou inferiorizado.

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Cultural”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

³ Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

⁴ Professora Ms. do Departamento de História e Geografia da UEPB.

A trama do *Bom-Crioulo* é descrita em doze capítulos e é relatada em terceira pessoa por um narrador onisciente. Os ambientes principais expostos na obra são: o alto mar, local dominado por uma “triste e nostálgica paisagem, onde as cores desmaiavam à força de luz e a voz humana perdia-se numa desolação imensa!”¹; uma velha corveta, navio antigo conhecido como o ‘velho esquife’; um sobrado velho, localizado em um lugar com o nome bastante sugestivo, a rua da Misericórdia.

A obra tem como personagem principal Amaro, escravo fugido que se torna marinheiro e que devido à eficiência na realização de tarefas e ao bom caráter é conhecido como um bom negro (Bom-Crioulo). Outros personagens de destaque são Aleixo e Dona Carolina. Aleixo é um jovem grumete (marinheiro novato), que teve que largar cedo a família pobre para ingressar na Marinha. Dona Carolina é uma portuguesa, ex-prostituta com quarenta anos que possui um pequeno sobrado na rua da Misericórdia, localizada na cidade do Rio de Janeiro.

Bom-Crioulo (Amaro) conhece Aleixo, quando os dois estão servindo juntos em um navio, e começa a nutrir um sentimento pelo jovem, dando investidas para conquistá-lo. O que acaba acontecendo e eles iniciam um relacionamento. Juntos, resolvem alugar um quarto para se encontrarem nos dias de folga. Alugam um quarto no sobrado pertencente à Dona Carolina, amiga de Bom-Crioulo, que fica amiga também de Aleixo. Após um ano de relacionamento, o casal começa a se desencontrar quando Bom-Crioulo é transferido para outro barco. Dona Carolina aproveita os desencontros do casal e seduz Aleixo. Este troca Bom-Crioulo pela portuguesa, enquanto o outrora amante se encontra hospitalizado. Mas, quando Bom-Crioulo descobre a traição, vai até Aleixo e em uma discussão acaba matando o jovem grumete.

Esta obra, cuja temática principal é o relacionamento homossexual entre dois marinheiros, apesar de ser muito corajosa para a época, inclusive por colocar um negro como protagonista, deixa implícita uma visão preconceituosa sobre o negro, reforçando a idéia defendida por Domício Proença Filho: “A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizado que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade.”²

Antes de iniciar a análise das imagens do negro contidas na obra em questão, deve-se destacar o momento histórico no qual ela foi escrita, que é o mesmo relatado em seu enredo. Estamos tratando de uma sociedade que vive o início da República e a pós-abolição. Onde os negros recém libertos procuram o seu lugar na nova organização social.

¹ CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. São Paulo: Martin Claret, 2002. p.14.

² FILHO, Domício Proença. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estudos avançados. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciartex-t&pid=50103-40142004000100078/hg=eh&hrm=iso>> Acesso em 13 mai. 2006.

Neste período a literatura começa a tratar do negro, mas ainda com uma visão estereotipada.

Adolfo Caminha, que trata o negro como objeto em o *Bom-Crioulo*, reforça determinados estereótipos do negro que circulavam em sua época, quando constrói em sua literatura a imagem de um negro bastante e apenas forte fisicamente: “um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre”³, mas que “tinha a cabeça muito fraca, muito leve (...) quando bebia demais, em pândega, lá uma vez ou outra - santo Deus! Ninguém podia com ele (...)”⁴.

Sujeito viçoso, dado aos instintos e impulsos:

O negro teve um daqueles ímpetos medonhos, que o acomediam às vezes, garganteou um – oh! Rouco, abafado, comprimido, e, ligeiro, furioso, perdido de cólera, sem dar tempo a nada, precipitou-se, numa vertigem de seta para a rua. Não via nada, não enxergava nada, trespvado, como se de repente lhe houvesse fugido a luz dos olhos e a razão do cérebro.⁵

Como destaca o já citado Domício Proença⁶, o autor oitocentista reforça o estereótipo do “negro pervertido”. O que pode ser observado no seguinte trecho:

Uma coisa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom-Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma ‘mulher-à-toa’ propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pêlo: queria ver o corpo...⁷

Deve-se destacar, pois, que o modo como o negro foi descrito, reforça a imagem do negro enquanto sujeito dado apenas à força vil, ao sexo ‘desregrado’, disciplinando, nesse sentido, a maneira de agir do ser negro naquele contexto, relacionando aquilo que ele deveria e não deveria seguir, inscrevendo e reproduzindo regras a serem seguidas e esperadas pela sociedade do século XIX, marcada fortemente pelo conceito de raça e racismo, uma vez que legítima ainda pela prática da escravidão. Desta forma, a literatura de Adolfo Caminha acaba contribuindo para a manutenção e reelaboração das concepções que procuravam colocar o negro nas margens dos ambientes sociais, dos discursos intelectuais, porque como sugere Foucault, os discursos são práticas que criam verdades sobre os sujeitos nos contextos em que circulam, imprimindo-lhes modos de ser e fazer.⁸

³ CAMINHA, Adolfo. Ibid. p.21.

⁴ Id. Ibid., p.76.

⁵ Id. Ibid., p.116.

⁶ FILHO, Domício Proença. Ibid.

⁷ CAMINHA, Adolfo. Ibid., p.55.

⁸ FOUCAULT, Michel. A ordem do Discurso.

No texto *Bom-Crioulo*, o autor faz uma caracterização do negro em que este aparece como sendo incapaz de ascender socialmente devido a sua cor, restando-lhe viver em ambientes miseráveis e 'marginalizados', de baixa infra-estrutura e no meio de pessoas inescrupulosas:

O convés, tanto na cobertura como na tolda, apresentava o aspecto de um acampamento nômade. A marinagem, entopercida pelo trabalho, caíra numa sonolência profunda, espalhada por ali ao relento, numa desordem geral de ciganos que não escolhem terreno para repousar. Pouco lhe importavam o chão úmido, as correntes de ar, as constipações, o beribéri. Embaixo era maior o atravacamento. Macas de lona suspensa em varais de ferro, umas sobre as outras, encardidas como panos de cozinha, oscilavam à luz moribunda e macilenta das lanternas. Imagine-se o porão de um navio mercante carregado de miséria. No intervalo das peças, na meia escuridão dos recôncavos moviam-se corpos seminus, indistintos. Respirava-se um ado nauseabundo de cárcere, um cheiro acre de suor em urina e alcatrão (...).⁹

Para o personagem Bom-Crioulo só restavam trabalhos que exigiam força física, com uma baixa remuneração e que exigiam muito pouco esforço intelectual. Também é passada uma imagem pejorativa de Amaro ao mostrar que ele tem o comportamento volúvel e que é dominado por forças incontrolláveis. "(...) Muita cautela com o Amaro (Bom-Crioulo). É uma praça irrepreensível quando não bebe, mas em chupando seu copito, guarda debaixo! Faz um salseiro dos diabos (...)".¹⁰

Outra imagem pejorativa do negro, construída por Adolfo Caminha, está relacionada à questão da opção sexual do personagem em questão, que aparece na trama como um homossexual. A imagem tida dos homossexuais na época era altamente pejorativa, portanto descrever um personagem com essa característica, nesta época, acaba sendo uma maneira de reforçar o discurso que coloca o negro como inferior: "O próprio comandante já sabia daquela amizade **escandalosa** com o pequeno"¹¹; "E consumou-se o delito **contra a natureza**"¹²; "Se os brancos faziam, quanto mais os negros"¹³.

Bom-Crioulo antes de se apaixonar por Aleixo, era considerado um bom colega, admirado por todos, meigo, bom marinheiro, bom inferior e disciplinado. Após iniciar a relação com Aleixo, passou a ser indócil, pouco estimado, desrespeitado como marinheiro, possessivo, ciumento e moralmente fraco. Ele que era um ex-escravo, estava novamente escravizado por um branco, só que desta escravidão ele não conseguiu escapar. O relacionamento com o jovem, que tinha a metade de sua idade (Amaro tinha trinta anos e Aleixo quinze) gerou a degradação do Bom-Crioulo, ao contrário do que ocorre com o próprio Aleixo que por ser branco, consegue escapar da dominação imposta por Bom-Crioulo mantendo-se assim na posição de superioridade. Como se a moral, e a racionalidade fossem explicadas e definidas pela cor.

⁹ CAMINHA, Adolfo. Ibid. P.42.

¹⁰ Id. Ibid.,p. 70.

¹¹ Id. Ibid.,p. 30. grifo nosso.

¹² Id. Ibid.,p. 43. grifo nosso.

¹³ Id. Ibid.,p. 46.

Esse discurso de Caminha que dentre tantas propostas e objetivos tem também a intenção de mostrar que o negro não tem capacidade racional, assimila-se em grande medida ao discurso de Aloísio de Azevedo quando da escrita de *O Cortiço* (1880)¹⁴ ao mostrar a relação entre Jerônimo, um português imigrante, representante da força, resistência e racionalidade para guiar plenamente a sua vida, caindo sempre em uma dominação e a mulata Rita Baiana, signo da degradação moral. Ao se envolver com esta, Jerônimo perde o ideal de racionalidade e de trabalho, decaindo social e moralmente, o mesmo aconteceria com João Romão, que também se envolve com uma negra (Bertoleza), a diferença é que este não se envolve sentimentalmente com ela, prosseguindo seu ideal inicial de trabalho e racionalidade. É interessante ver que para esses autores o negro é sempre a mancha que degenera, que corrompe, que denigre, contemporâneos de uma sociedade racista, para ambos, o caos tinha cor: a negra.

O personagem Bom-Crioulo é representado, também, como um negro que introjetando os valores do branco, idealizando o branco como um modelo de amante, não consegue sair da situação na qual se encontra, se submetendo ao ambiente social a sua volta. O que acaba sendo, pensando com Foucault, uma estratégia da autoria de Caminha, que censura e repreende as atitudes do negro e a todo tempo tenta docilizar esse personagem, constituindo-se, assim, em uma tentativa de silenciamento muito mais ampla, a do próprio negro no cenário da sociedade brasileira daquele contexto. Ou seja, o autor mesmo considerado abolicionista, não manifesta aquilo que Zilá Bernd¹⁵ chama de negritude, por não criar um espaço de reflexão e mudança para a situação do negro que descreve, ao contrário, só reforça determinados preconceitos raciais, além de sempre submeter o Bom-Crioulo aos valores europeus: porque o Bom-Crioulo tem como amante um jovem loiro a que se submete incondicionalmente? Porque o mesmo Bom-Crioulo colocou no seu quarto uma imagem do Imperador?

Esta pesquisa nos possibilitou, portanto, analisar as várias imagens criadas sobre o negro na obra Bom-Crioulo de Adolfo Caminha, numa tentativa de desnaturalizar, como propõe Foucault as coisas que nos se apresentam como verdades únicas e absolutas. Não somos naturais, a forma como o negro é visto também não o é, esse texto em grande medida é uma luta contra a naturalização da marginalização do negro, que desde o processo de colonização na África e no Brasil foi legitimado pelas instâncias do cristianismo e darwinismo como um sujeito sem alma, selvagem, ao longo dos séculos essas séculos essas imagens foram sendo reformadas, reelaboradas, mas parecem que não perderam o intento inicial, que é colocar o negro nas margens da história e da sociedade. A literatura de Adolfo Caminha é um dos muitos discursos contextualizados no século XIX que nos ajudam a

¹⁴ Ver essa discussão em: ORTIZ, R. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

¹⁵ Ver BERND, Zilá. *O que é negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1998. 58p.

pensar o olhar criado sobre o negro naquele momento em que os defensores da escravidão e os abolicionistas roubavam a cena das discussões políticas e sociais. Quando Caminha escreve o livro aqui analisado, já vivíamos a pós-abolição, os inícios de um Brasil republicano, porém, o que essa obra nos vem mostrar é a preponderância de um Brasil envolto de pensamentos que limitavam a atuação dos negros, que aprisionando agora de outra forma o negro, disciplinando-o no plano de curso literário, forjando assim o ideal de abolição que já inspirava determinadas práticas intelectuais naquele contexto. *Bom-Crioulo* mostra também e em parte a ambigüidade do discurso intelectual brasileiro, que assinala uma lei libertando o negro, mas por outro lado, criando outros mecanismos de tentativas de escravidão para o mesmo.

Deixamos aqui uma sugestão para novas abordagens sobre o assunto, porque entende como são criados os discursos relacionados ao negro auxilia na compreensão da atual situação do negro no Brasil, ajuda a compreender a importância de iniciativas como a instituição de cotas para negros nas instituições de ensino, sobretudo, convida-nos a desnaturalizar as imagens negativas que ainda escravizam o ser negro no Brasil. Este texto é na verdade uma luta contra preconceitos, contra a discriminação ao negro, e no final das contas um sutil convite aos historiadores para que definitivamente quebrem as correntes que tentam separar o discurso da literatura do discurso da história, e quem sabe dessa forma reinventarmos o conceito de negro, de literatura e de margens.

Bibliografia

BERND, Zilé. **O que é negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1998. 58p.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. São Paulo: Martin Claret, 2002. 125p.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 7.ed. São Paulo: UNESP, 1999.

CRUZ, Alberto da. **Análise estrurológica do livro Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha**. Disponível em: <<http://odieletico.hpg.ig.com.br/literatura/critica/bomcrioulo.htm>> Acesso em 13 mai. 2006.

FILHO, Domício Proença. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estudos avançados. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciartex-t&pid=501034014200-4000100017&/hg=eh&hrm=iso>> Acesso em 13 mai. 2006.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

ORTIZ, R. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.